

Seminários Abertos de Pós-Graduação
 Ensino de Ciências, Matemática, Linguagem, Educação.
 Grupo de Estudos em Epistemologia e Didática.
 Coordenador Nilson José Machado
 Seminário Teorias da Personalidade: Perspectivas
 Dolores Gil Gil
 2º Semestre de 2003-11-21

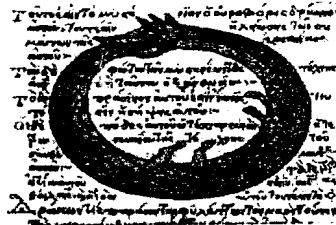
“Um dia Hodja perdeu seu anel. Ele procurou e procurou, mas não encontrou. Então ele saiu de casa e começou a procurar pelo anel na rua. As pessoas passavam por ele e perguntavam:” Hodja, o que você está fazendo?” “ Eu perdi meu anel em casa, e estou procurando por ele “ “Porque você não procura dentro da sua casa?” “ A casa esta muito escura. Eu não consigo ver nada, então eu estou procurando pelo anel aqui fora!”“.

Escuridão - Nasreddin

“O homem habita poeticamente e prosaicamente a terra”
Freidrich Hülderlin

“A adesão ao invisível, eis a poesia primordial, eis a poesia que nos permite tomar gosto por nosso destino íntimo... A verdadeira poesia é uma função de despertar”.

Gaston Bachelard



O que se procura fora, já está aqui, basta ir desvelando, trazendo à luz...Revelando-se.

Tecer este texto é a oportunidade de penetrar nesta dimensão subjetiva: **a alma humana**, ou seja, o próprio domínio interior, colocá-la no “palco”, como figura e foco da nossa atenção. “Ela” é tão vital quanto respirar, normalmente a sua presença é tão silenciosa, que só notamos a sua “ausência” quando o alarme é ativado e nos sentimos “doentes”.

Poderia relembra todas as vezes que as palavras: “tácito”; “sujeito”; “subjetivo”; “pessoa”; “indivíduo”...E todas as variações desse tema, mencionadas neste grupo e até “defendidas” em algumas oportunidades, por exemplo, no 1º encontro deste bimestre:

“Objetividade e subjetividade são palavras plenas de conotações, positivas no primeiro caso, em geral, negativa, no segundo. Quantas vezes ouvimos, com referência a situações que envolvem avaliações, o veredicto” isto é muito subjetivo “, como se tal classificação diminuísse a relevância do que se afirma?”.

E segue nessa reflexão, lembrando Popper:

...“o verdadeiro conhecimento somente pode existir fora das mentes das pessoas: é conhecimento objetivo, ou conhecimento no sentido objetivo, que consiste no conteúdo Lógico, de nossas teorias, conjecturas, suposições...”
 (Nilson - 8 ago 2003).

Se, o verdadeiramente relevante é “somente o conhecimento que existe fora das mentes das pessoas” o que nos resta? O que dizer da poesia, como expressão plena de interioridade e de humanidade, e todas as outras manifestações significativamente tão valiosas?

A “subjetividade” soa como uma “acusação” e em sua defesa vejo a necessidade de assumi-la como algo inevitável, um “legado congênito”, que deve ser aceito e “decifrado”.

Análogo a esse sentimento temos, quando ao expressar dores “sem uma causa física” definida, logo ouvimos um pronunciado diagnóstico: Isso é “psicológico” que é igual a dizer: Isso “**não é nada**”, logo passa.

Essas dificuldades tornam esta reflexão uma “oportunidade para encontrar poderes mais profundos em nós mesmos, que surgem quando a vida parece mais desafiadora”. (Campbell).

É quase tão difícil definir o conceito de personalidade como deveria ser reter alguém nas malhas da descrição / explicação que em torno desse conceito ousamos construir. Que é a personalidade? Uma autonomia, um distintivo, uma integridade, uma impressão digital? Com a mesma palavra, para tornar tudo mais complicado e indecifrável, brincamos às solenidades, fazemos discursos, citamos Pessoa (o Fernando) e os imortais (‘foi uma personalidade’)... Adjetivamo-la, habituados que estamos às classificações, às hierarquias, aos submissos e aos dominantes: ‘forte’ ou ‘fraca’, a personalidade confere um lugar na relação “(Calado, 1989, p.1)”.

O desafio é encontrar as palavras capazes de significar um assunto tão controverso:

- O que é Personalidade?

Referimo-nos com frequência a alguém dizendo “*Ela tem uma personalidade forte*” ou “*Ele não tem personalidade*”. Entenderíamos ouvindo isso que ela é dominante, irredutível quanto as suas idéias, ele por sua vez maleável, apático, patético, sem opinião própria, uma conduta sem destaque. Pela sua relevância, esse tema tem estado presente nas discussões de várias áreas do conhecimento: na filosofia, psicologia, sociologia, antropologia, etc... Nesse cenário temos uma infinidade de tendências, destaca-se um tronco ideológico, segundo o qual os seres humanos foram criados iguais quanto sua capacidade potencial e, portanto neste caso, a ocorrência das diferenças individuais se deve as influências ambientais sobre o desenvolvimento da Personalidade. Nessa perspectiva considerando a hipótese de que ao individuo fossem dadas igualdade de oportunidades, todos seríamos iguais quanto as nossas realizações, já que, potencialmente somos iguais. Então como se poderia explicar a ocorrência de músicos com a singularidade de um Mozart, se a potencialidade de todos aqueles que compartilharam das mesmas aulas eram iguais? E Einstein? Teria sido uma simples questão de oportunidade e circunstâncias ambientais. Neste caso a Personalidade, a inteligência, a vocação e a própria doença mental seriam questões exclusivamente ambientais.

A idéia de buscar fora da pessoa os elementos que explicassem seu comportamento, tanto ocorre quando não assumimos responsabilidades em termos pessoais o que é corroborado pelas teorias de Rousseau e outros, segundo o qual era a sociedade quem corrompia o homem.

Outra concepção acerca da Personalidade esta baseada na constituição biotipológica, segundo a qual a genética não estaria limitada exclusivamente à cor dos olhos, dos cabelos, da pele, à estatura, aos distúrbios metabólicos e, às vezes, às malformações físicas, mas também, determinaria às peculiares maneiras do indivíduo relacionar-se com o mundo: seu temperamento, seus traços afetivos, etc. atribuindo a genéticas e a toda estrutura neurológica as explicações de todas características da personalidade da pessoa. Essas considerações, quando levadas ao extremo, são determinantes da personalidade, neste sentido descartam qualquer possibilidade de influência do meio. Nesse caso a responsabilidade é exclusivamente genética.

E o sujeito, pessoa, teria algum “lugar” nessa complexidade que é ser humano?

Podemos antecipar que o estudo da personalidade reflete essa complexidade, abordada a partir de varias perspectivas, produzindo uma imensa quantidade de material teórico e experimental.

Vamos começar pela palavra, personalidade derivando de “*persona*”, que em latim significa máscara de ator. O termo, no entanto, ao longo da sua evolução, foi adquirindo sentidos múltiplos.

Nos escritos de Cícero, é usado com, pelo menos, quatro sentidos, todos eles relacionados com o teatro: a personalidade, *como um conjunto de características pessoais do ator, que representam o que a pessoa realmente é*; a personalidade, *vista como a forma pela qual a pessoa aparece aos outros e não como realmente é* e, neste sentido, equivale à máscara; o papel que a pessoa reinterpreta na vida, *tal como o personagem num drama*; a personalidade, *encarada como um conjunto de qualidades indicativas da distinção e dignidade, que fazem do ator uma ‘estrela’*.

Allport, em 1937, referia-se à existência de, pelo menos, cinquenta significados diferentes para o termo personalidade, considerando a diversidade de definições, optou por considerá-la como uma organização dinâmica dos sistemas biossociais¹ que determinam a adaptação única do indivíduo ao mundo (Allport, 1937). Na perspectiva de Cattell (1965), a personalidade é um conjunto de traços, que predispõe o indivíduo a agir de determinada maneira, num conjunto de situações.

Apesar de que a “personalidade pode ser definida de forma a englobar praticamente todos os aspectos da vida e experiência humana” (Heatherton e Nichols, 1994, p.4), convencionalmente, as definições de personalidade excluem as diferenças físicas e, a maioria, as diferenças intelectuais, embora reconhecendo que ambas influenciam a personalidade e o comportamento dos sujeitos. Contudo, muitas teorias consideram o conjunto destes aspectos (físicos e intelectuais) como parte da personalidade.

As definições de personalidade refletem as diferentes teorias e a perspectiva que se tem, em relação ao momento histórico em que elas foram elaboradas. Portanto, é compreensível que as definições mais recentes tenham sido valorizados os componentes interativos e dinâmicos. Considerando, assim:

- ▶ Uma natureza biológica, sujeitas as leis da genética e dos instintos. Assim sendo, os genes herdados se apresentam como possibilidades variáveis de desenvolvimento em contato com o meio (e não como certeza inexorável de desenvolvimento);
- ▶ Uma natureza existencial, conferindo à Personalidade, elementos que transcendem o animal que habita em nós. A pessoa, o ser único e individual, distinto de todos os outros de sua espécie, traduzindo-a numa singular combinação entre o biológico, o psicológico e o social.

Assim, o ser humano não pode ser considerado como um produto exclusivo de seu meio, despido de seus próprios sentimentos e vontade, nem um conjunto de genes herdados aleatoriamente dos pais, resultando assim numa espécie programada para agir, conforme a sua determinação genética, muito semelhante aos seus ascendentes biológicos.

Podemos considerar a idéia de autopoiese - (“centro da dinâmica constitutiva dos seres vivos” -Maturana, Varela e Uribe), - um organismo autônomo na sua estrutura e dependente, pois precisa recorrer aos recursos do meio ambiente para sobreviver, ou seja, produtor de si mesmo e produzido pelo meio.

Tudo parece bem ajustado: O ser humano é uma combinação entre a sua herança genética (organismo) e a influência que o meio ambiente exerce sobre ele, e vice versa. Desta forma, podemos afirmar que os seres humanos são essencialmente iguais e funcionalmente diferentes, ou seja, podemos nos considerar iguais uns aos outros quanto à nossa essência humana (ontologicamente), entretanto, funcionamos diferentemente uns dos outros, não buscamos as “coisas” que “precisamos” do mesmo “jeito”.

“A ilusão mais perigosa de todas é a de que existe apenas uma realidade. Aquilo que de fato existe são várias perspectivas diferentes da realidade, algumas das quais contraditórias, mas todas resultantes da comunicação e não reflexos de verdades eternas e objetiva” (Watzlawick, 1991, p.7).

A partir daqui, podemos tratar das semelhanças essenciais e das diferenças funcionais do ser humano. Neste momento abre-se um leque de possibilidades, ou melhor, perspectivas...Mas “ver através de”, poderia ser: “ver a partir de”, “sentir” enfim mergulhar nesse tema já que o assunto nos diz respeito diretamente.

“Cada indivíduo é: como todas as outras pessoas, como algumas outras pessoas, como nenhuma outra pessoa” (Kluckhohn & Murray, 1953).



"Personalidade é o modo de ser do indivíduo"

Evidentemente, o modo de ser do indivíduo, a sua forma, o seu conteúdo, o que lhe dá a unidade e a característica de ser exclusivo e ímpar em relação a todos os demais seres humanos, e é isso que a psicologia da personalidade procura estudar: as características dos indivíduos, as diferenças individuais, a estrutura e a dinâmica intrapessoal, o funcionamento inter pessoal.

Com isso nos deparamos com um vastíssimo "material" sobre esses assuntos. Essa diversidade de definições e conceitos, procurando explicar quem somos, mais confunde que ajuda, dificultando a compreensão, pois ao nos depararmos com tantas "perspectivas": polêmicas, contraditórias, improváveis, inacessíveis, enigmáticas, enfim, em vez de espelhos, onde possamos nos reconhecer, encontramos um verdadeiro labirinto de idéias que nos desorienta.

O biológico (inato, genético, "nature", instintivo, natural...) e o ambiente (social; familiar, educacional); fatores conscientes, inconscientes, comportamentais; determinismo, livre arbítrio; determinantes inato, ambientais ou multideterminado; as duas culturas (humanismo ou cientificismo); o papel da genética (padrões instintivos, sociobiologia, expressão das emoções). O papel do ambiente (o ambiente natural e o construído); territorialidade, espaço pessoal, privacidade, densidade social; o ambiente social: classe, família, linguagem, cultura.

Como esse assunto é abordado: estudo de casos; experimentação; questionários; testes psicológicos (projetivos, expressivos, psicométricos, fatoriais); entrevista.

Como esse material é avaliado, o problema da medida: validade e fidedignidade; predição estatística ou clínica.

Enfim, qual é o método de investigação?

É científico? Qual é? Como esta fundamentado?

Essas teorias são frutos de pesquisas empíricas, experimentais... Foram avaliadas e validadas, e são passíveis de reprodução, são aplicáveis aos acontecimentos da vida diária real?

Nos fornecem uma referência importante na orientação do autoconhecimento? É um caminho?

Ela favorece a nossa relação, interna e externamente?